



EL PASEO DE JANE: TEJIENDO REDES A PIE DE CALLE

Marilane Abreu Santos*

Resumo

O livro El Paseo de Jane: Tejiendo redes a pie de calle apresenta descrições e reflexões realizadas a partir de passeios realizados na cidade de Madri, num projeto comemorativo aos 100 anos da urbanista e ativista Jane Jacobs, com fins de vivenciar, refletir e reivindicar os espaços da cidade com a colaboração de todos que estão dispostos a perceber este espaço a partir de outros pontos de vista. Além disso, é um convite para aqueles que desejam conhecer suas cidades e seus bairros de outras maneiras, compartilhando ideias, desejos e projetos.

Palavras-chave: cidade; crítica; colaboração.

Abstract

The book El Paseo de Jane: Tejiendo redes a pie de calle presents descriptions and reflections made from tours in the city of Madrid, in a commemorative project to 100 years of urbanist and activist Jane Jacobs, with the purpose of experiencing, reflecting on and claiming the city spaces with the collaboration of all who are willing to see this space from other points of view. Moreover, it is an invitation for those who want to know their cities and their neighborhoods in other ways, sharing ideas, desires and projects.

Keywords: city; criticism; collaboration.



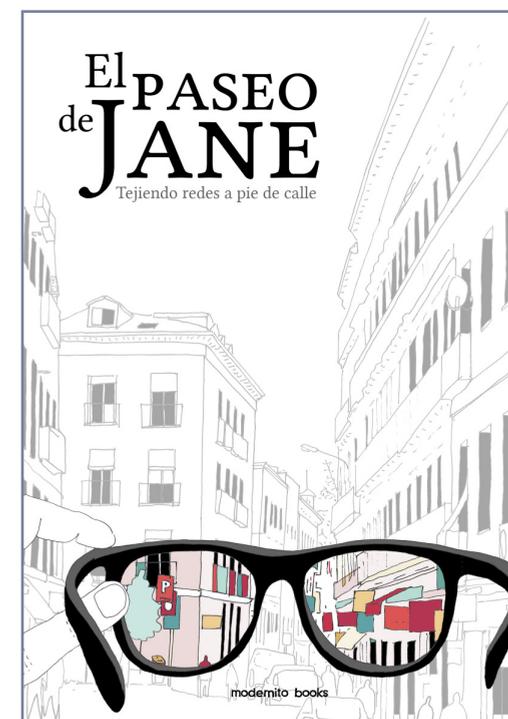
No ano em que se comemora o centenário de Jane Jacobs, ativista, urbanista, jornalista, poeta e pesquisadora, mulher que alterou os rumos do urbanismo contrariando diversas ideias modernistas defendidas por Le Corbusier, a Editora Modernito Books lança o livro *El Paseo de Jane: Tejiendo redes a pie de calle*, uma importante publicação para quem tem interesse nos assuntos sobre o urbanismo e as suas relações. As ideias de Jane mudaram a visão sobre esse complexo território que é a cidade trazendo para ele um olhar mais humanizado e sustentável. Inicialmente, seus questionamentos tratavam de discutir as políticas urbanas na cidade de Nova Iorque e depois foram ampliados até Toronto, sua segunda cidade, e a diversas outras que contaram com seu apoio. Jane Butzner Jacobs nasceu em 4 de maio de 1916 na Pensilvânia e faleceu em 25 de abril de 2006 em Toronto. Foi ativista crítica das propostas de renovação urbana em meados do século XX cujos modelos, caracterizados por ela como ortodoxos, eram homogeneizantes, monótonos, vazios, sem vida e destruíam os espaços públicos. Foi atuante em diversos movimentos sociais e conseguiu cancelar importantes projetos urbanísticos nos Estados Unidos e Canadá, o que gerou grandes embates políticos. Em uma de suas obras mais conhecidas – *Morte e vida nas grandes cidades* – Jacobs traz uma perspectiva de defesa para a diversidade de usos e para os “proprietários naturais da rua”, aqueles que são os mais importantes em todo processo de reestruturação urbana, os habitantes.

No livro, escrito sob a coordenação de Susana Jiménez Carmona e Ana Useros, fica marcada a participação de diversos coletivos e associações de bairro, o que leva as autoras a reafirmarem que a publicação não seria possível sem o gesto colaborativo de todos, característica que também é vista nas teorias de Jane sobre a cidade e o papel da vizinhança na construção dos espaços. O livro é estruturado em capítulos que descrevem os “passeios” realizados pelos grupos de cada bairro ou espaço da cidade e demais interessados, seguidos de algumas reflexões sobre o que se destaca em cada uma dessas caminhadas. A cidade de Madrid se constrói nesse livro a partir de outros olhares e os detalhes apresentados mostram um lugar que vive transformações urbanas e sofre com suas consequências. Para além dos grandes projetos imobiliários desumanizadores, estão o orgulho e a solidariedade dos moradores de bairros que sofrem pressões nesses processos. Das ruas aos mercados, das periferias aos terrenos baldios, dos edifícios abandonados à falta de vivendas, dos solares abandonados aos processos de gentrificação, um pouco de cada processo é pensado e apresentado ao longo das páginas. O projeto realizado em Madrid, como uma forma de olhar para esta cidade a partir de outras perspectivas, retoma ações artísticas de meados do século XX, como as derivas, e ressalta sua importância como forma de se fazer

críticas, reflexões e reivindicações coletivas dos espaços públicos, que devem servir a todos e não a uma pequena parcela da cidade, a mais favorecida economicamente. Em consonância com os atuais debates e movimentos de reivindicação das cidades, de congressos e publicações sobre estudos na área, de projetos urbanísticos globalizantes, o livro é um convite ao caminhar atento percebendo os detalhes, para o comum visto com outros olhos, de forma mais sensível, mais ética, mais humana. Trata de compartilhar experiências com aqueles que vivenciam desde sempre esses espaços da cidade e que, muitas vezes sem chance de opinar, são desalojados de suas casas, seus comércios, de sua vida construída em espaços de afeto e com vínculos sociais que podem nunca mais se refazer. Com linguagem simples e de fácil compreensão, apesar de algumas expressões locais, o que dá certa graça ao texto, o livro mostra os afetos vividos ao longo das caminhadas com seu caráter crítico e reativa o convite que Jane Jacobs fazia a todos: vejam, entendam e lutem por sua cidade e seus bairros.

O texto começa fazendo um pequeno relato de como tudo começou em Madrid, não a partir de iniciativas de arquitetos, urbanistas e estudiosos, mas por uma coincidência de um comentário de alguém que explica que, para comemorar o aniversário de Jane Jacobs, em princípios de maio de cada ano, tal passeio era feito na cidade de Toronto. Da inquietação

Img. 1 Capa do livro *El paseo de Jane: tejiendo redes a pie de calle*. Fonte: Casa del Libro



em relação a essa história surge o desejo de reivindicar e compartilhar o espaço público da rua, refletindo sobre outros modos de habitar as cidades. Através de uma convocação em redes sociais, em 2010 iniciou-se o que ainda nem era nomeado como “Passeio de Jane” em meio às comemorações da Gran Vía, avenida importante com grande concentração de edifícios históricos da região central de Madri e que se converteu, devido aos planos urbanísticos, em um espaço de comércio abundante, com prostituição, vigilância e agressividade das multidões pelas calçadas em busca de um consumo desenfreado. A possibilidade da realização de tal passeio mostrou-se potente por possibilitar outras formas de sentir e vivenciar a cidade, o que logo tornou o movimento algo mais sério com a criação do blog [1] e das assembleias abertas para tomada de decisões em relação à organização das atividades. As assembleias, assim como o próprio “passeio”, são abertas a todos que queiram participar e é uma forma democrática de compartilhamento de saberes e práticas, desde os mais especializados no assunto até os vizinhos e suas vivências “em primeira pessoa”. O crescimento dessa atividade transformou a maneira como ela mesma se organiza até o ponto em que agora são os próprios vizinhos que convocam as caminhadas em seus bairros.

Após essa breve apresentação do projeto, há um capítulo dedicado à urbanista Jane Jacobs e de forma sucinta algumas de suas atividades são descritas, sempre marcando a potência de suas ações e a importância de seus questionamentos, destacando seu posicionamento como “oposição teórica e prática aos excessos dos métodos de planificação e zonificação”, a mesma que opta pelos carros em detrimento das pedestres, que segrega bairros e espaços da cidade e que segrega a população em complexos habitacionais de acordo com a origem social. Muito atual e contemporânea tal publicação, diante dos grandes projetos de cidade que vêm se desenvolvendo ao redor do mundo, o livro é um convite à reflexão sobre as consequências de tais projetos e uma possibilidade de pensar soluções derivadas de tais observações nos diversos campos do conhecimento. Não é preciso conhecer a cidade de Madri, pois os caminhos traçados poderiam ser vividos em qualquer outra grande cidade.

O primeiro passeio descrito, nomeado “De la Cornisa a Malasaña”, corta o centro histórico da cidade de forma “atípica”. Saindo de um dos pontos mais antigos do centro, perto do Río Manzanares na parte mais meridional até chegar a Malasaña, um antigo bairro marginalizado, hoje convertido lugar cultural e bem valorizado economicamente, o trajeto mostra as diferenças e similitudes entre espaços urbanos que sofrem com mesmo problema: a valorização do solo, a luta pela permanência

[1] Cf. <https://elpaseodejane.wordpress.com/>.

dos moradores, mas principalmente o patrimônio abandonado, os solares vazios e a evidente necessidade de utilização desses espaços ociosos. A cada parada um pouco da história de cada bairro é contada brevemente em meio aos questionamentos políticos sobre os usos de tais patrimônios, seja denunciando o abandono, seja apresentado projetos okupa como o do Patio Maravillas. As reflexões a respeito dessa primeira caminhada estão apresentadas em “Patrimonio” e falam sobre a desfiguração das cidades diante das sucessivas intervenções, afirmando a necessidade da união cidadã em defesa de um patrimônio coletivo. Neste mesmo capítulo, lembram-se os cinco anos do famoso 15M, movimento cívico que levou milhares de pessoas às ruas, mais especificamente à Puerta del Sol, antiga e importante praça que é marco de ações desse porte e natureza. Tal movimento dá início a uma série de ações “alternativas” e a um novo poder okupa, que ia além da reivindicação de edifícios em desuso e partia para reivindicar a cidade, das quais surge um grupo bastante heterogêneo formado por teóricos, vizinhos apaixonados formando o Madrid, Ciudadania y Patrimonio (MCyP): uma federação que ampara associações e plataformas criadas para defender objetos concretos e que atua como coordenadora encarregada de transmitir informações e fazer as convocatórias dos grupos associados. Além de defender e estudar questões ligadas ao patrimônio, MCyP é um grupo que planeja e atua na defesa de seus temas. Algumas importantes dicas de como se organizar para realizar tais reivindicações são apontadas e é uma parte bastante didática para quem tem interesse e necessidade em atuar nesses contextos. Desde formas de estabelecer contatos e divulgação até a luta contra administrações do governo, questionáveis na perspectiva do grupo, vários exemplos são dados ao longo das páginas, afirmando que um patrimônio não precisa ser necessariamente um grande monumento, mas pode ser uma pequena construção de materiais humildes, o que mostra a visão aberta de tal associação em relação ao que costuma ser “salvo” nos projetos urbanísticos, os quais costumam valorizar somente os primeiros, quando o fazem.

O próximo passeio foi realizado pela segunda vez no Bairro de Lavapiés, região central de Madri, um ano depois do primeiro, em 5 de maio de 2012. Apresentando um pouco dos processos de transformação do bairro, que tem uma característica forte de heterogeneidade cultural, o passeio expõe as consequências e lutas das associações de vizinhos, novos moradores e apaixonados pelo bairro em virtude dos processos de gentrificação por causa das políticas públicas adotadas. Contrastantes são os discursos e formas de apresentar o bairro entre essas duas instâncias e se percebe bem os interesses que cada uma das partes tem na manutenção e preservação ou transformação e requalificação do território e a quem isso favorece. Um destaque é dado

aos núcleos de proteção e ao longo trabalho de anos realizados por eles, como o El Solar, os processos da rede Tabacalera en Debate, que no futuro próximo se converteu no Centro Autogestionado La Tabacalera e no Mercado San Fernando. Tais ações e movimentos são apontados como cidadãos, democráticos e sem respeito pelas ordens do poder uniforme dos governos, o que parece bem importante como processo crítico e contestatório, bem como costumam ser algumas ações artísticas atuais, necessárias e urgentes em suas atuações diante dos desmandos. Após uma descrição longa da histórica heterogeneidade do bairro e todas as suas nuances étnicas, econômicas, arquitetônicas e culturais, o texto apresenta algumas reflexões sobre os mercados de abastecimento da cidade. Tais questionamentos se relacionam com o fato de o bairro, assim como outros, estar sofrendo com a valorização do solo, tornando elevados os valores dos aluguéis e transformando o comércio local, ocasionando o fechamento de muitos mercados ao longo dos anos. Dos muitos mercados existentes na cidade, restam quarenta e seis mercados já que muitos outros já foram demolidos. São espaços de relações sociais, econômicas e culturais da vizinhança, além de serem locais procurados por turistas em busca do “autêntico” e ativam a vida nos bairros onde estão localizados. Falando um pouco sobre a diversidade e importância histórica dos mercados como lugares interclassistas e de regulação de preços, o livro aponta a crise e desmonte sofridos por esses lugares em virtude da chegada dos hiper e supermercados. Em meio a outras políticas de investimentos na manutenção desses mercados, apresentam-se algumas atuações de coletivos e vizinhos na defesa dos mesmos e as distintas situações nas quais eles se encontram hoje. O que fica dessa breve apresentação em relação aos mercados é a importância da valorização de espaços de socialização nos bairros, que não só movimentam a economia local, mas promovem a integração entre seus habitantes.

O recorrido de Carabanchel aponta para outros lugares da cidade. Aqueles que não costumam ser vistos pelos governos, mas que estão cheios de potência e vida: as periferias. Do outro lado do rio que divide a cidade, a realidade é bem distinta em diversos aspectos, desde os níveis econômicos até os espaços de ócio. A realização desse passeio foi uma homenagem ao britânico Howard Clark, ativista do pacifismo e que era porta voz de uma organização internacional de Resistentes a Guerra. No grupo que participou dessa atividade em Carabanchel havia várias pessoas defensoras da arquitetura carcerária do bairro, um edifício repleto de histórias e possibilidades de novos usos. A sua derrubada retirou o direito de utilização pública e coletiva em favor da especulação imobiliária privada. Ao longo da caminhada, diversas partes do bairro são descritas e os detalhes citados vão desde monumentos escultóricos a passarelas, apontando as condições e

características de cada um deles. Fragmentos de um cotidiano que não é percebido, nem tido como importante. À descrição dos antigos edifícios visitados, se junta a história da cidade, a descrição de alguns momentos políticos e sugestões de outros usos. Do antigo presídio demolido, passando por colégios, solares, jardins e fontes, o passeio se encerra no prédio fabril EKO onde funciona um centro autogestionado e que resiste às ameaças de expulsão e controle. A reflexão final dessa caminhada é que a defesa do patrimônio perdido ou deteriorado não é um “exercício de romantismo transnotado”, mas ação importante que dá dinamismo e otimismo a quem habita determinado território. O tema das periferias, destaque desse capítulo, é discutido na sequência e mostra as origens do interesse nesse tema. A iniciativa do Observatório Metropolitano de Madrid, que tinha o objetivo de investigar os impactos sobre o território após a crise de 2008, foi ampliada e se converteu num “dispositivo experimental de investigação coletiva, aberto e flexível” e que teve suas raízes no 15M no bairro de Carabanchel. Com o objetivo de “conhecer transformando e transformar conhecendo”, reuniu-se um grupo de pessoas interessadas para traçar os mapas, limites do bairro, interesses, localizar os elementos e fenômenos que queriam investigar. Com as perguntas e mapa organizados deu-se início ao trabalho que foi denominado Carabanchelear [2]. A partir dessa caminhada repleta de conversas e trocas, junto com os encontros e reuniões, produziu-se o “Diccionario de las periferias”, construído de experiências do habitar. Sem espaço suficiente para traçar toda a história das periferias, o texto comenta sobre a crise das periferias que abrange três elementos: as políticas de moradia, o abandono institucional e os estigmas que ela carrega. As experiências vividas são apresentadas como ambivalentes, pois condensam sentimentos de amor e ódio, tragicomédia que reúne a tragédia das dificuldades de se viver aí em relação à mobilidade (difícil chegar e sair) e a comédia em forma de canção, de sorriso e de afetos e apoio coletivo. Além disso, outro elemento é encontrado nesse espaço: o “trapicheo”, atividade ancestral. Diferente do empreendedor, aquele que faz “bicos” ou trabalhos informais – *trapis* – se faz à margem, no ilícito já que é preciso sobreviver. O capítulo encerra afirmando que a periferia é um entorno privilegiado para a Administração que joga ali os que incomodam a vista, mas que debaixo dessa camada de estigmas e preconceitos, há potência, vida e que há coisas que somente nesse espaço podem ocorrer: aí cabe a desordem e é possível odiar a “estética capitalista, com seu aroma pseudoperfeito, artificial e limpo”.

O capítulo seguinte apresenta o passeio de 06 de maio de 2012 em Cañada Real Galiana, um bairro situado a 15 minutos do centro de Madri e pode ser apresentado juntamente com o seguinte, nomeado “De Vallecas a Cañada”, passeio realizado no dia 17 de maio de 2014, já que tratam do mesmo assunto: os descampados ou os terrenos baldios.

[2] Cf. <https://carabancheleando.net/>.

Assim como nos demais, uma pequena descrição do trajeto realizado e as observações feitas durante o percurso são apresentadas. Como o transporte é raro nesse lugar, a opção para o grupo de 70 pessoas foi a bicicleta. Um pouco da história do bairro e de seu surgimento nos anos 50 como uma ocupação ilegal do solo público e os anos posteriores de desalojamentos, multas e lutas dos vizinhos pela legalização dos terrenos é apresentada logo no início. Ao longo das diversas paradas realizadas, conversas com as associações de vizinhos informaram sobre a luta constante por transporte, coleta de lixo, saneamento e pavimentação das ruas. Tal luta se deve aos transtornos sofridos ao longo dos anos pelas intervenções urbanísticas como a construção de estradas, vias de trens de alta velocidade, a construção da incineradora e outros que impedem a melhora do bairro. Acompanhados até o fim do trajeto por alguns vizinhos, o texto mostra a dificuldade encontrada para sair de lá, realidade cotidiana da população local. O seguinte trajeto, feito no mesmo dia, tem uma coposição similar. Descreve o percurso realizado pelo grupo de 40 pessoas e os objetivos da caminhada: “experimentar com o próprio corpo e refletir sobre as diferentes morfologias e escalas urbanas”. Perceber as texturas, os vazios, as estruturas e barreiras físicas e mentais que marcam a cidade formal e a informal. Além disso, o passeio queria fazer visíveis os processos participativos, de mobilização e associativos que estão se configurando na cidade de Madri. Através dos edifícios antigos e das histórias relatadas, o livro mostra um pouco da construção da história da cidade e da difícil luta pela moradia e dignidade para viver. Junto com alguns moradores, percorreram o bairro conhecendo sua realidade, suas histórias e seus projetos. Com passagens por hortas urbanas, espaços com problemas de ordem ambiental e construções singulares, as observações são construídas de forma que o leitor, mesmo sem conhecer o bairro, consegue imaginar sua situação. Após caminhar por espaços vazios e abandonados, “não-lugares” em meio à cidade, o grupo encerra o passeio de volta a Cañada Real num novo encontro com os vizinhos, que mais uma vez relatam suas histórias e projetos. Na sessão específica que comenta sobre os “descampaos”, forma coloquial de falar “descampados”, em poucas páginas aparecem pequenos fragmentos retirados do twitter com esse tema, alguns com um enfoque negativo, e alguns comentários e/ou relatos que afirmam justamente o contrário. Curioso perceber a associação do espaço com o nada, com o vazio, com o deserto, mas que é pleno de potência e vida. “O melhor que nos deixou a bolha imobiliária são os descampados”, afirma logo de início o título. Um espaço que, por não acontecer nada, pode acontecer de tudo. Vazio de pessoas e cheio de usos. Espaço livre para fazer o que te apetece. Lugar onde se encontram bebês abandonados, corpos jogados, amores

escondidos, fauna e flora incomuns, um lugar para um tango, para a vida e para a morte.

O passeio de 3 e 4 de maio de 2014, realizado em Tetuán e revividos em janeiro de 2016, são descritos no capítulo seguinte. Além de alguns espaços esquecidos da rua principal do bairro, o grupo circulou por outras ruas anexas, menos vistas e percorridas percebendo a transformação da “nova centralidade”, processo que muitos bairros sofrem em Madri e em outras cidades. Caminhando pelas ruas, recordações do Projeto Tetuán – pintura de muros por artistas renomados numa parceria entre empresas e coletivos culturais – trouxeram reflexões sobre os processos de gentrificação de caráter mais cultural e as promessas do governo em converter o bairro em um “Soho madrileno”. Tal projeto foi rejeitado por suas limitações, mas teve alguns sucessos. A descrição breve dos processos de mudança no bairro devido à transformação “da cidade em solo” marca o tema principal desse capítulo: a moradia. Em meio a jogos políticos, oscilação do mercado imobiliário, os habitantes sofreram e sofrem as consequências dos planos de remodelação. Em meio às descrições das visitas e coleta de relatos, mais uma vez é citada a participação de grupos que tiveram início no momento do surgimento do 15M e que deveriam dar sequência à potência criativa desse movimento. Percebe-se uma valorização constante ao longo do livro desse fato e a importância de se promover movimentos políticos coletivos e cidadãos como forma de transformar socialmente o território ao redor de todos. A parte do texto dedicada exclusivamente à discussão sobre a “vivienda” conta a história do bairro desde sua construção inicial de casas “baixas” até a chegada da zona financeira de La Castellana, o que alterou a fisionomia do bairro, mesclou vizinhos antigos com novos moradores de outras etnias e transformou a todos em “proprietários” através das ofertas de hipotecas dos bancos. Junto à crise de 2008, surge uma população endividada e desempregada, com consequentes desalojamentos e a luta coletiva por moradia, com destaque para o protagonismo feminino, o gerou um aprendizado político e em conjunto. Com o tempo e a participação de uma diversidade de pessoas, as estratégias de luta por moradia sem ampliaram e o direito à vivenda se ampliou para o direito à cidade, fazendo visíveis as diversas situações de exclusão. Com caráter territorial, a luta pela moradia se faz de forma diferente em cada bairro e com características específicas de cada território.

Quase chegando ao final do livro, o capítulo dedicado ao bairro de Anganzuela discute as questões da gentrificação, processo tão comum nas grandes cidades contemporâneas e que, de alguma maneira, perpassa todos os outros passeios relatados. Esse último

juntou cerca de 200 pessoas e seu interesse se deu devido ao grande movimento de transformação da região. Grandes projetos locais que afetavam a vida de toda a cidade estavam em desenvolvimento pleno. O bairro é um antigo espaço industrial cheio de edifícios fabris em desuso, locais onde alguns desses projetos se desenvolveram em conjunto com a construção de vias de tráfego intenso e o projeto Madrid Rio – a construção de um gigantesco parque que se propõe a comunicar os bairros da cidade. Apresentado aos poucos os diversos espaços de Arganzuela que resistem e fazendo críticas àqueles que promoveram a gentrificação, o texto costura a realidade complexa do bairro afirmando a esperança da construção de uma cidade entre e para todos. Ao iniciar a reflexão sobre a gentrificação, tal conceito é apresentado como “a expulsão das pessoas, práticas e saberes de um território concreto através da reinvestimento de capital público ou privado e a incorporação de uma nova população com maior capital econômico ou cultural”. De forma bastante crítica, o texto afirma que a construção de um bairro como “bem cultural” é logo explorado pelo capital público ou privado, que passa a reconfigurar quem e como esses lugares são utilizados. Assim as metrópoles parecem ser os locais propícios para tais acontecimentos e essas práticas se espalham por toda a cidade, não se localizando mais nas regiões centrais, como é o caso de Arganzuela. Trazendo discussões atuais sobre sociedade do conhecimento e conceitos de cidades, o texto discute as relações entre a adoção desse novo tipo de política cultural focada na indústria criativa e as políticas urbanas materializadas em distritos criativos nos quais a população com menos capital cultural é renegada a segundo plano, não sendo incluídas nas propostas ou tratados de maneira folclórica. Como capítulo mais crítico, o texto costura conceitos e ideias apresentando reflexões importantes a respeito da homogeneização urbana e as imagens construídas das cidades, que disputam uma visibilidade internacional mediante suas inovações, modas e tendências “criativas”. Os autores são categóricos ao afirmar que a retórica de cidade criativa é uma política de *marketing* urbano que camufla problemas, pois tem uma “cara amável”. Assumindo que o processo de reapropriação capitalista da cidade deve ser discutido e suas consequências evidenciadas, o livro ajuda a pensar e compreender parte desses processos.

Como último percurso, Chamberí é apresentada através de uma série de lugares que retomam os problemas anteriores ligados aos monumentos abandonados, aos mercados subutilizados, às moradias precárias, aos prédios em desuso e todos os outros assuntos já abordados no livro, mas encerra concluindo, com um tom de missão cumprida (ou parcialmente cumprida), que foi possível conhecer um pouco mais a cidade e com a certeza de que é preciso recuperar os seus espaços para enchê-los de atividades, tranquilidade e vida. Na sequência, o texto intitulado “Cómo hacer un paseo de Jane” apresenta uma “receita”

para quem se sinta instigado a experimentar tal atividade. Começando pela curiosidade em conhecer e partilhar, o texto diz que é preciso buscar cúmplices para desenvolvê-la. É preciso contagiar as pessoas e a sugestão dada é a criação de assembleias abertas, além de organizar o passeio de forma coletiva e heterogênea. Com muita conversa e um mapa em mãos, traça-se o roteiro. Costumeiramente realizado nos primeiros dias de maio, basta colocar os pés nas ruas e caminhar. Receita simples e potente. Os créditos do livro tomam 4 páginas e mostra o grande envolvimento de um grande número de interessados individuais e de grupos, evidenciando o caráter coletivo do passeio.

O livro, além de realizar esse contágio e desejo de caminhar pelas ruas, permite o contato com ideias de autores que pensam a cidade a partir de outros pontos de vista, algo importante na atualidade diante dos novos projetos de cidade que têm sido construídos com base na cultura. A sugestão de apresentar a resenha numa revista de arte é que, a partir dos relatos do livro, é possível pensar na importância de uma reflexão crítica por parte dos artistas, críticos e demais interessados nesse tema, o que é fundamental para uma participação consciente e coletiva desses processos urbanos. Além disso, o texto permite conhecer outra realidade de uma cidade – Madri – que se propõe como “cidade cultural” e perceber que seus problemas não são únicos, mas também são vivenciados por diversas outras cidades pelo mundo que entraram nessa onda neoliberal e criativa. A luta cidadã e coletiva pela cidade em muitos momentos não anda na contramão das ações artísticas. Ao contrário, tais áreas se unem numa luta comum, pelo interesse de todos. Historicamente vistos como agentes dos processos de gentrificação ao “melhorar” a estrutura física e simbólica dos bairros, mas sempre com uma perspectiva “de fora”, alguns artistas hoje se juntam aos moradores de certos bairros empenhados em ajudá-los em suas lutas, traçando planos conjuntos “de dentro”. Em consonância com discussões mais ou menos recentes dentro do universo da arte relativas a ações colaborativas, participativas, obras de caráter público, ativismo, arte crítica e outras, as discussões a respeito da cidade se fazem presentes nessa junção de áreas. Arquitetos, designers, sociólogos, geógrafos, economistas e urbanistas discutem o tema da cidade e a arte não está de fora, já que participa ativamente de todo esse processo urbano, pois tem a cidade como tema, como suporte, como matéria e também como espaço de reivindicação e manifestação de sua expressão poética e, por que não, espaço de luta. Que mais passeios assim sejam feitos para talvez evitarmos uma maior homogeneização das nossas cidades.

REFERÊNCIAS

CARMONA, Susana Jiménez e USEROS, Ana. **El Paseo de Jane**: Tejiendo redes a pie de calle. Madrid: Modernito Books, 2016.

***Marilane Abreu Santos** é mineira e vive no Rio de Janeiro onde cursa o doutorado em Artes no PPGArtes/UERJ. No primeiro semestre de 2016 realizou o doutorado sanduíche na Universidad Complutense de Madrid como bolsista da Faperj. Possui mestrado em Memória Social pela UNIRIO, atua como professora de Artes Visuais na educação básica e na formação de professores no CAP/UF RJ, além de desenvolver seu trabalho autoral como artista.